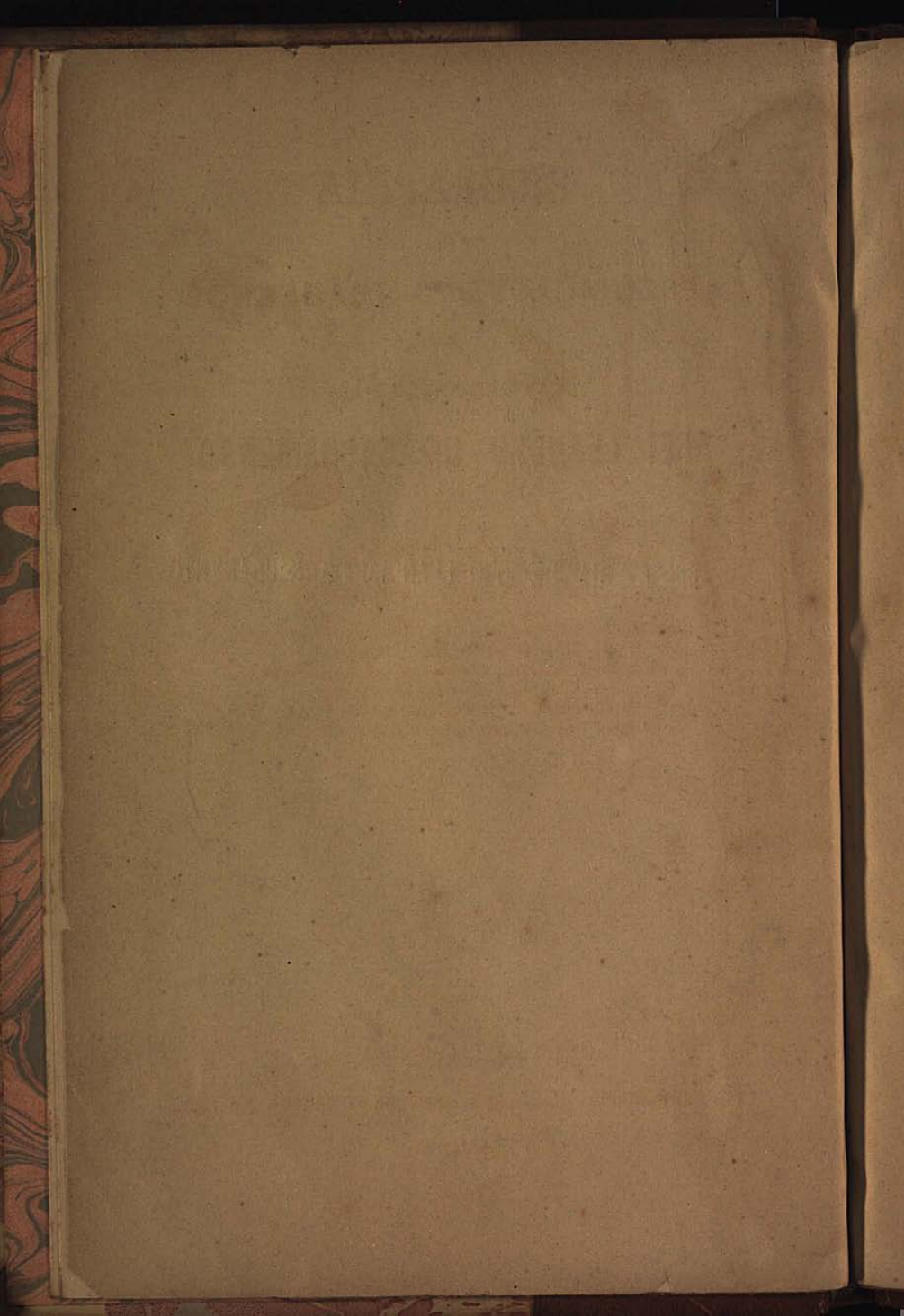


BIOGRAPHIA DE FREI LEANDRO DO SACRAMENTO



BIOGRAPHIA
E
APRECIÇÃO DOS TRABALHOS
DO
BOTANICO BRASILEIRO
FREI LEANDRO DO SACRAMENTO

POR

José de Saldanha da Gama

Membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro,
do Instituto Polytechnico Brasileiro,
do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura,
da Sociedade Botanica de França,
da Sociedade Botanica Linneana de Paris,
da Sociedade Botanica de Ratisbona, etc., etc.

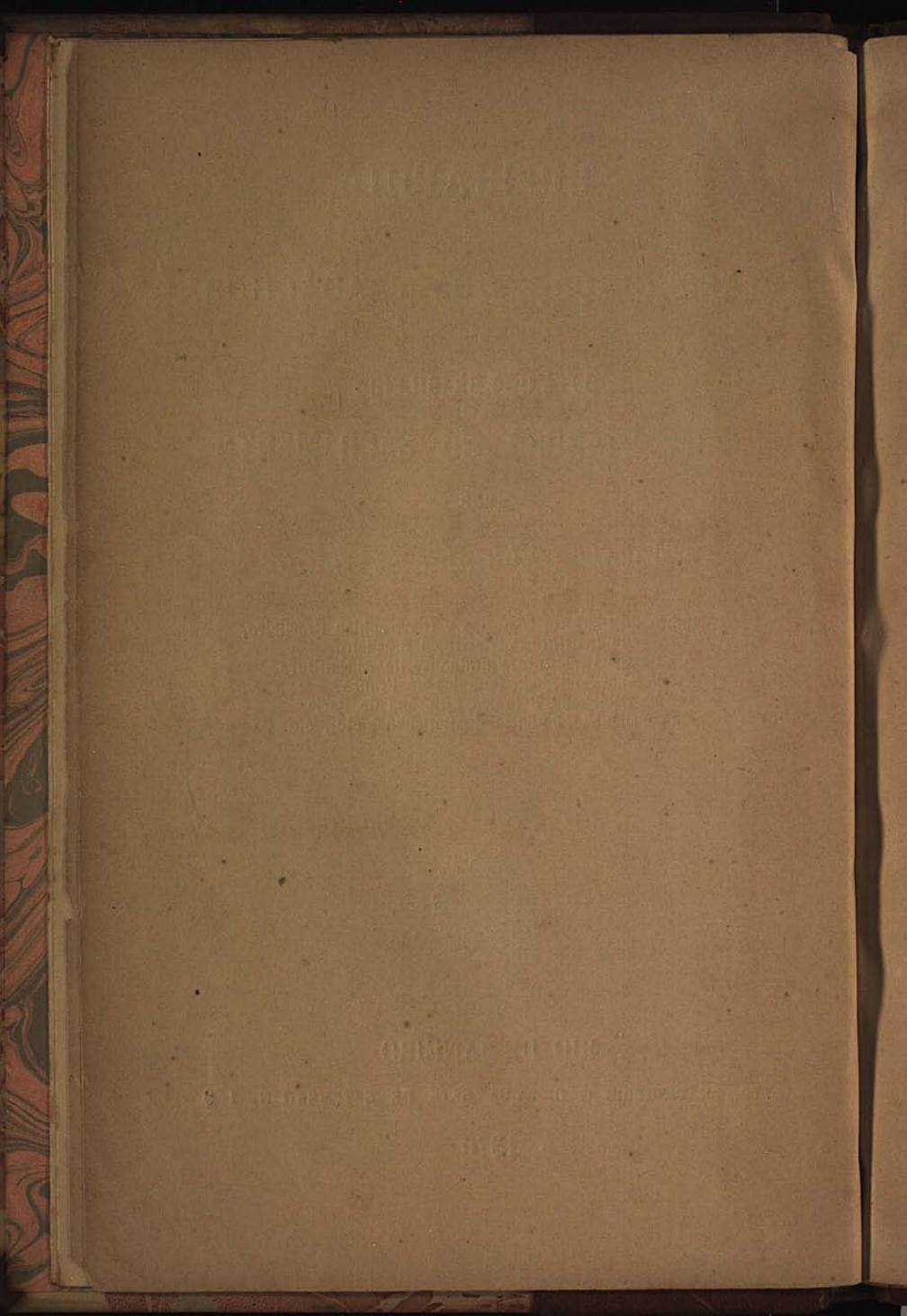
2282



RIO DE JANEIRO

TYP. DE PINHEIRO & C., RUA SETE DE SETEMBRO N. 159

1870



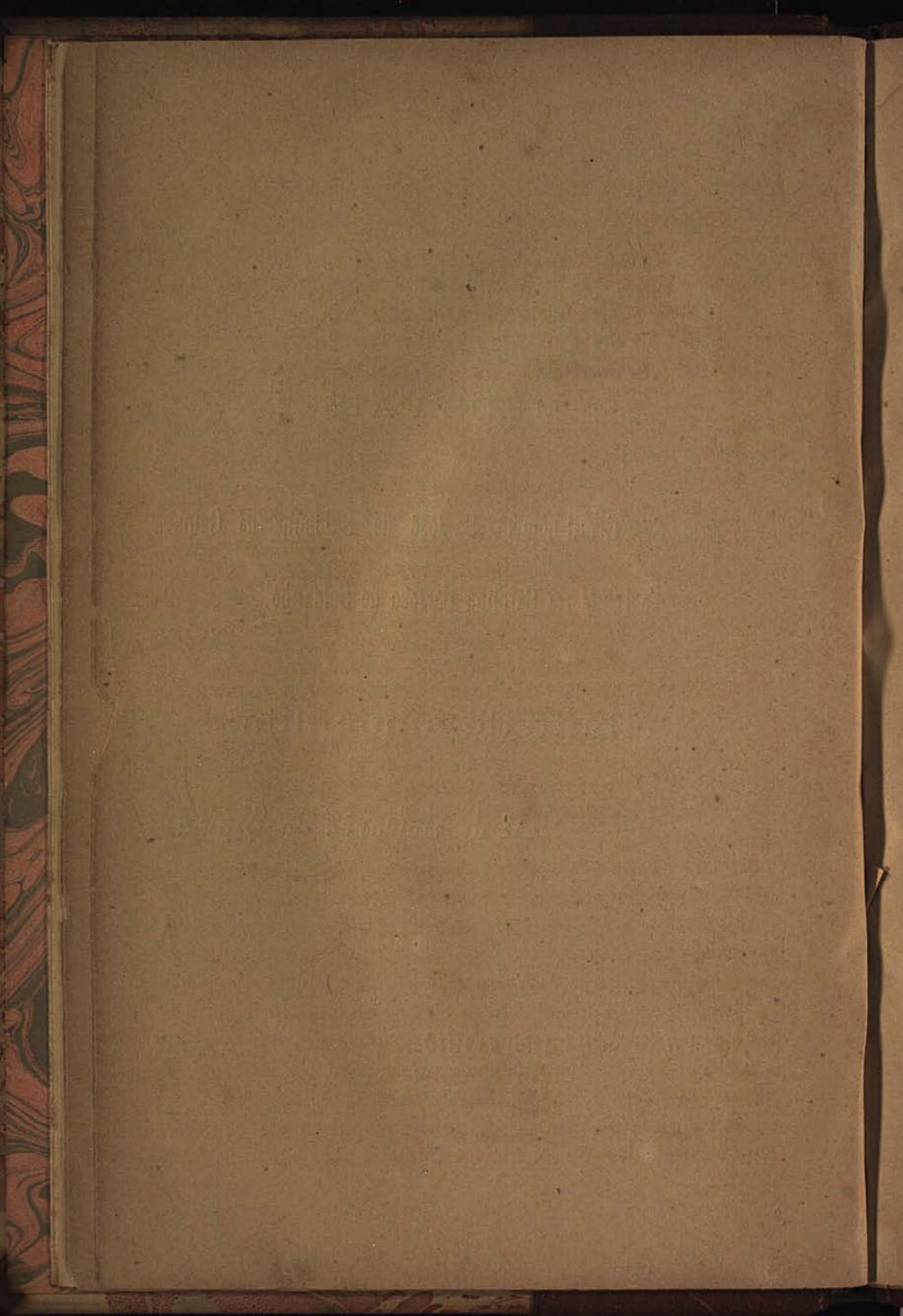
A MEUS PAIS

O Exm. Sr. Gentil-homem D. José de Saldanha da Gama
e D. Maria Carolina Barroso de Saldanha,

Tributo de amor filial

José de Saldanha da Gama.

Santa Cruz, 6 de Abril de 1870.



BIOGRAPHIA

DO BOTANICO BRASILEIRO

FR. LEANDRO DO SACRAMENTO

CAPITULO I

C'est vrai, j'ai quelque fois pensé que si ce firmament inferieur, que l'œil de l'homme, quoique misérable et pécheur, peut contempler, est si magnifique, combien plus ne doivent pas l'être ces régions supérieures sur lesquelles daignent s'abaisser les regards de Celui dont la gloire est infinie. Je me les represente comme un voile richement brodé, dont le tissu laisse échapper quelques fils d'or, lesquels seuls peuvent arriver à nous. Quel doit être l'éclat royal de cette surface supérieure que foulent les pieds lumineux des anges et des justes devenus parfaits ?

Assim se exprime o cardeal Wiseman n'uma das mais bellas inspirações com que a fé christã tem engrandecido o espirito humano ! O arcebispo de Westminster creando na sua igreja das Catacumbas, ou Fabiola, um throno para os martyres do christianismo do seculo IV, erigiu ao mesmo tempo um novo santuario no coração do homem para os divinos mysterios da religião de Christo ! A morte pela fé é a verdade da vida eterna, recompensa e balsamo que os justos almejam ; é mais um facho luminoso alteado sobre as santas doutrinas que os apóstolos receberam em seu seio, transmittindo-as ás gerações futuras pelo oceano de

sangue derramado pelos martyres, cujas reliquias serviram de altar, nas catacumbas de Roma, para o sagrado Pão Eucharistico !

O conhecimento da verdade pela fé tem hoje o seu maior esplendor, hoje que o espirito humano contempla este horizonte immenso em que a sciencia não encontra limites sob o impulso do raciocinio quando exercitado pelos genios a quem a historia tece coróas. A confirmação da primeira pela segunda descobre-nos a causa unica dos dois sentimentos, o da crença pela fé, e o da verdade pela sciencia, que abalam com jubilo ao mundo, despertando a idéa de uma harmonia celestial, que apenas comprehendemos com o maior esforço da razão finita que a Providencia outorgou-nos. A religião educa os homens para o descobrimento da verdade; serviu de archôte nos seculos de trévas, guiando o espirito de concepção em concepção até o seculo XIX, em que as sciencias se aperfeiçoam de mais em mais, guardando aliás as suas relações de suprema harmonia, ao passo que ostentam um fim diverso para cada uma em particular !

.....
Foi igualmente sob a benefica influencia d'este sentimento que, entre nós, se elevaram e se crearam espiritos sequiosos pelo amor da sciencia, ora envoltos no modesto habito de religioso, ora com o brilho e gallas dos seculares.

Não ha muito que consagrámos alguns momentos de nossa vida á leitura e estudo consciencioso das obras de Velloso, admirando os seus labores, e escrevendo a biographia d'este sabio, um dos filhos dilectos do mosteiro de S. Francisco de Assis. Agora pensaremos na vida de Fr. Leandro do Sacramento, cujos hombros cingiram o symbolo que o propheta Elias recebêra no cimo do Monte Carmelo. Reflictamos sobre os factos d'esta vida, como

outros tantos exemplos para os corações que se vão formar. Lembremo-nos com veneração da vida stoica de Fr. Leandro, como uma das corôas que os posteros dedicam á memoria dos monges que se santificam pelas virtudes.

Uma d'estas corôas de dôres sem numero já fulgura na celeste habitação dos justos, onde paira a alma sempre pura e grande pela crença em Deus, e pela sciencia, do virtuoso carmelita Fr. Pedro, bispo de Chrysopolis. Com a frente inclinada diante do tumulto em que jazem os restos mortaes do sabio mathematico, do illustre mestre e amigo leal do soberano do Brasil, invoquemos o seu espirito pedindo-lhe um atomo da sua razão luminosa como escudo para o fim que ambicionamos n'este momento, e um conselho, um pensamento quanto aos attributos de Fr. Leandro. Quando a voz de Fr. Pedro se erguesse, nas regiões celestes, acima dos canticos divinos com que os anjos festejam as almas dos bemaventurados, cá do mundo ouviriamos a união de sons accordes como vehiculo de seu juizo:

« Leandro foi sabio ;

« Leandro foi piedoso ;

« Leandro bem merece dos homens na terra, e de Deus no céo. »

CAPITULO II

Leandro do Sacramento, filho legitimo de Jorge Ferreira da Silva e de Theresa de Jesus, nasceu na cidade do Recife, provincia de Pernambuco, e ahi viveu alguns annos recebendo dos seus progenitores os primeiros principios de uma limada educação, que mais tarde fizeram d'elle um dos ornamentos d'este bello torrão do imperio americano. A sua fraca constituição muitas vezes fez crêr que a luz da vida se apagara cedo n'este corpo debil, e ao mesmo tempo

em 1778?

forte pelo espirito que recebêra da mão de Deus! E na verdade: os seus contemporaneos ainda hoje guardam bem viva a imagem d'este virtuoso brasileiro, a quem os posteros lauream nas grandes festividades da sciencia. Leandro era alto, de magreza extrema; a côr preta dos cabellos reunida a sua tez morena, definiam o bello d'este typo americano, que os estrangeiros não cessam de admirar; a caixa thoraxica distinguia-se pela saliente concavidade da porção anterior; a depressão do sternum fazia um contraste com a saliencia dos ossos maxillares. Estes defeitos physicos desappareciam, porém, sob a influencia magica de uns olhos pequenos e scintillantes, espelho de um espirito penetrante, de uma intelligencia prompta para a aquisição dos conhecimentos que ambicionava possuir. Este organismo tão delicado foi séde de repetidas molestias, que roubavam-lhe as forças aliás tão necessarias á actividade physica de quem herborisa, como a energia moral de quem aprofunda o estudo das plantas. O seu temperamento bilioso contribuiu sempre para o estado pouco lisongeiro da sua saude.

.....
Entretanto a mão da Providencia nunca consentiu que se aniquilasse este vulto antes de completar meio seculo d'existencia.

Um volver d'olhos sobre os primeiros factos d'esta vida tão preciosa ao Brasil e ao mundo scientifico.

Um horizonte immenso abria-se ao pensamento de Leandro do Sacramento; elle, porém, não quiz medir-lhe a grandeza antes de satisfazer ao seu sentimento religioso, procurando na vida monastica o ponto de apoio para as suas inclinações. Para o conseguir recebeu, por vocação, o habito da ordem carmelitana reformada de Pernambuco; professou a sua regra de 5 de Maio de 1798 em diante;

frequentou o collegio do seu convento, e assumiu o sacerdocio, que soube sempre honrar com a pureza e santidade das suas convicções.

Mais um monge digno do seu patriarcha o propheta Elias! Mais um nome de um carmelita illustre cheio de gloria e de brilho sóbe hoje os degráos do monumento da immortalidade, onde o mundo erigiu estatuas para aquelles que se alumiaram com um atomo da divina sabedoria. Alli se alteam imponentes: o Santa Gertrudes, o nunca esquecido orador do pulpito brasileiro, o Bossuet brasileiro na phrase do Dr. Balthasar da Silva Lisbôa; o eminente mathematico Fr. Pedro de Santa Marianna, o venerando professor da antiga academia militar; o erudito lente de philosophia Fr. Manoel do Monte Carmelo; e n'este quadro magestoso de homens illustres não menos brilha o botanico brasileiro a quem dedicamos algum tempo d'estudo na indagação dos factos de sua vida.

Fr. Leandro concebeu a idéa de augmentar o seu cabedal de conhecimentos em relação ás sciencias philosophicas, e obteve permissão para ir á Portugal, onde alcançou plena satisfação aos seus nobres desejos. As actas d'exames da Universidade de Coimbra demonstram o seu amor por estes estudos, assim como o aproveitamento e intelligencia que sempre manifestou. Leandro occupava-se com exemplar solitudine das sciencias do curso por elle frequentado, mas não dissimulava a sua notavel predilecção pela botanica. Possuido de justo jubilo, deu por findas as suas fadigas escolares em 1806, sendo os seus esforços corôados com o honroso titulo de licenciado em philosophia pela Universidade de Coimbra, onde existe a these por elle escripta, com o titulo de—*Theses ex philosophia naturali. Conimbrica.*

O que elle sabia das sciencias naturaes não consta dos

seus escriptos, á excepção dos conhecimentos botanicos ; quem, porém, recorrer ao juizo das pessoas imparciaes do seu tempo, e que ainda vivem, sentirá que Fr. Leandro, além da sua especialidade, a phytologia, fazia-se notar pelas luzes em outros ramos dos conhecimentos humanos, sendo apontado como um dos espiritos mais esclarecidos da provincia de Pernambuco, tendo a modestia como um dos seus attributos essenciaes. Com a illustração que adquirira e sendo certo que a natureza não lhe recusára o talento da palavra, ser-lhe-hia bem facil o manifestar, em uma linguagem elegante e cheia de fluidez, os encantos do seu espirito, e as impressões de grande valor que a sua alma havia bebido nos livros da natureza. Fortaleceu-se muito mais na botanica, e ahí, como veremos mais adiante, não houve quem não se apressasse em render homenagem ao seu vigoroso talento.

Prosigamos em nossa exposição.

Fr. Leandro embarcou-se em Lisboa com direcção ao seu berço natal no anno de 1806, e emquanto permaneceu no claustro d'esta provincia prodigalisaram ao talentoso pernambucano as maiores provas de affecto e de consideração por suas luzes.

A sua presença no Rio de Janeiro fazia-se tanto mais desejar, quando todos lastimavam, como presentemente se lastima, que poucos fossem os brasileiros que se entregavam ao estudo da botanica n'este vasto Imperio, que possui a primeira flora do mundo entre as regiões as mais ricas, e cuja riqueza reside principalmente nos seus vegetaes !

Assim pensava Leandro do Sacramento, e por isso não recusou prestar o immenso auxilio da sua intelligencia todas as vezes que o governo do Brasil fez appello ao seu patriotismo.

CAPITULO III

LEANDRO DO SACRAMENTO NO RIO DE JANEIRO

Mencionaremos em primeiro lugar que o illustre carmelita foi, n'esta cidade, procurador zeloso da sua ordem, sabendo harmonisar o cumprimento dos seus deveres com as sympathias e estima que sempre mereceu dos religiosos que d'elle mais se approximaram.

A fama do seu merecimento circulava na classe illustrada da sociedade brasileira, e não tardou em despertar a attenção dos que occupavam as altas posições officiaes, no Brasil, e até das regiões do poder, d'onde baixou a mais grata recompensa que elle poderia aspirar em relação aos seus esforços pela phytologia.

Consultava Leandro os livros, companheiros inseparáveis do seu coração; extasiava-se perante o esplendor das maravilhas do Creador, accumuladas no santuario da sciencia, quando, sem o pensar, recahiu sobre elle a nomeação para lente de botanica d'academia medico-cirurgica do Rio de Janeiro. Fulminado por este raio de justiça, o illustrado carmelita estremeceu acreditando, pela primeira vez, que não era um ponto imperceptivel na historia da sciencia, apezar da pressão esmagadora que o sentimento da modestia sempre exerceu na consciencia.

Emfim, não havia que recuar. Os seus amigos o impelleram a este voto de obediencia e a encetar os trabalhos da vida publica. Sobrava-lhe energia para quebrar os espinhos do mundo, e coragem para desempenhar a nobre missão de professor, missão sagrada, e cujo alcance nem todos sabem comprehender.

Deus é o principio da sciencia, porque d'elle emana tudo; Deus é o fim da sciencia, porque é a suprema ver-

dade, que ella descobre na discussão profunda das suas leis. D'este modo raciocinava Fr. Leandro, e assim raciocinam os verdadeiros sabios, que não aprendem a bem da vaidade, mas sim para aquisição da verdade, unico alvo dos espiritos profundos. E guiado por este pensamento o distincto botanico transmittiu aos seus discipulos d'academia medico-cirurgica o que havia de precioso e util na botanica dos primeiros annos d'este seculo. Quantas plantas medicinaes, originarias do Brasil, seriam conhecidas n'aquelle tempo? Não o sabemos ao certo. O que, porém, podemos afirmar é o facto de não ser actualmente muito consideravel o numero de vegetaes da nossa flora conhecidos por seus usos exactos na therapeutica, comparativamente ás especies que vivem desconhecidas nos terrenos do Imperio. O que garantimos igualmente na fé de juizos insuspeitos, é a que Fr. Leandro não passaram desaperechidos os vegetaes uteis do Brasil, não só os que se tornaram conhecidos graças aos outros botanicos, como, principalmente, os que foram objecto das suas investigações. As suas lições tinham a vantagem de ser acompanhadas de exemplos praticos tirados da flora brasileira.

Antes de Leandro do Sacramento e de Fr. Azevedo nenhum brasileiro alcançou a gloria de assumir a posição de professor de botanica na cidade do Rio de Janeiro. Nem o proprio Velloso, em quem reconhecemos mais merito pelo maior numero de serviços que prestou, conseguiu abrir o precedente dos cursos de botanica, unico meio, quando bem comprehendido, de divulgar a belleza e utilidade da sciencia dos vegetaes. Romperam as cadêas que prendiam o professorado d'esta sciencia; e assim deveriamos escrever o seu epitaphio, imitando o *calorum perrupit claustra*, que outros escreveram sobre o túmulo do grande astronomo William Herschell.

Quarenta annos são passados depois da morte de Fr. Leandro : o que diria elle hoje se lhe fôsse possível testemunhar o progresso sempre crescente da botanica, e comparar o estado actual da sciencia com o do tempo em que viveu? O desenvolvimento tem sido tal em todos os ramos da phytologia, têm-se operado taes revoluções em alguns pontos, que o espirito humano sente a necessidade de crêr intimamente que ella caminha a passos largos para um gráo de perfeição, que a razão do homem não alcança, porque tem diante de si a barreira do futuro!

Com os olhos em documentos escriptos no anno de 1815, conseguiremos dar uma idéa do curso de botanica seguido pelo illustre finado na academia medico-cirurgica. Estes manuscriptos, que nos foram confiados, pertencem a Fr. Leandro, e revelam que não só a parte scientifica, mas o lado util, a agricultura, fizeram o objecto das suas lições.

1^o documento

« No dia tres de Dezembro do anno de mil oitocentos e quinze tiraram ponto Antonio Ildefonso Gomes e D. Francisco de Almeida, ás oito horas da manhã, para os seus exames do dia seguinte, e sahiu-lhes por sorte—Plantação d'arvores floresteadas, sua conservação, córte de madeiras, influencia dos bosques, tanto na economia animal, como na vegetal: em agricultura. — Em botanica: classes triandria, tetrandria, e gynandria. De que passei este termo para em todo o tempo constar de minha letra em que me assignei. — Fr. *Leandro do Sacramento*, lente.»

O outro examinador foi o Dr. Luiz Antonio da Costa Barradas, lente de physica da real academia militar.

2^o documento

« No dia quatro de Dezembro do anno de mil oitocentos

e quinze tiraram ponto Antonio Americo de Urzedo e Flavio Joaquim Alves, ás oito horas da manhã, para os seus exames do dia seguinte, e sabiu-lhes em ponto, em agricultura: as régas, modo e tempo em que convem fazer-se, dos diversos modos de se fazer os enxertos; e em botanica: classes pentandria e exandria, do que passei o presente termo para em todo o tempo constar, etc.—Fr. *Leandro do Sacramento*, lente.»

Foram estes os unicos alumnos de botanica no anno de 1815, que poderam ser admittidos a exames, declarando o padre-mestre Leandro, no seguinte documento, que n'este annose haviam matriculado 12 alumnos, dos quaes 8 não frequentaram regularmente o curso lectivo.

3º documento

« No dia treze de Março do anno de mil oitocentos e quinze deu principio a aula de agricultura e botanica, sendo lente Fr. Leandro do Sacramento, e alumnos os que vão abaixo mencionados, e para constar passei este termo de minha letra e signal. Rio de Janeiro, 13 de Março de 1815. — Fr. *Leandro do Sacramento*.»

MATRICULADOS		APPROVADOS
Estevão Alves de Magalhães	Voluntario.	
Antonio Americo de Urzedo	»	<i>Nemine discrepante.</i>
Flavio Joaquim Alves	Ordinario.	<i>Simplemente.</i>
José Joaquim da Silva	»	
Luiz Pereira da Rosa	»	
Emílio Manoel Moreira	»	
Domingos Ribeiro G. Peixoto	»	
Antonio Ildefonso Gomes	»	<i>Nemine discrepante.</i>
José Bernardino de Senna	Voluntario.	
José Maria do Carmo	»	
D. Francisco de Almeida	»	<i>Nemine discrepante.</i>
Visconde de Barbacena	»	

« E para constar passo este termo de minha letra e signal, em que me assigno.

« Rio de Janeiro, 13 de Março de 1815.—Fr. *Leandro do Sacramento.* »

Estes documentos escriptos pela mão de Fr. Leandro escaparam do incendio, que teve lugar no morro do Castello, quando ahi funcionava a academia de medicina ; os outros foram consumidos pelo fogo, á excepção de tres ou quatro actas, que se referem a exames de chimica, figurando o nome do illustrado carmelita como um dos arguentes.

Provaremos agora que não foram estes os unicos campos em que a sua intelligencia exercitou-se.

Recahiu sobre elle a nomeação para membro da commissão encarregada do exame de uma collecção de conchas e de agathas orientaes, que a administração d'academia militar desejou obter com o fim d'enriquecer o gabinete de mineralogia da mesma academia. O governo não se lembraria do nome de Leandro para esta missão scientifica se os seus conhecimentos n'esta especialidade não justificassem a escolha.

Eis o officio que serviu de base á ordem regia :

4º documento

« Illm. e Exm. Sr.—Apresentando n'esta junta o professor de botanica e zoologia Fr. José da Costa Azevedo a conta inclusa, em que dá noticia da existencia de uma collecção de conchas não vulgares, e de outras de agathas orientaes, que seu dono Francisco Antonio Cabral pretende vender, e com as quaes se enriqueceria o muséo e o gabinete de mineralogia da real academiã militar, julgou a junta dever informar a V. Ex. d'este facto, levando ao seu conhecimento a conta do referido professor para que V. Ex., pa-

recendo-lhe acertado que se effectue a compra das duas mencionadas collecções, possa fazer tudo presente a Sua Magestade e obter a sua soberana decisão a este respeito. A junta é de opinião que será conveniente comprar estas duas collecções, dando-as seu dono por preço arazoado, sendo dignas como parece pela informação do lente de botânica e de zoologia de ornar e enriquecer este regio estabelecimento; mas para que o seu merecimento e valor sejam perfeitamente conhecidos, visto que não existe catalogo em que estes productos venham escriptos, entende que será muito conveniente que Sua Magestade, aproveitando a circumstancia de se acharem actualmente n'esta côrte o mineralogista barão de Eschwege, e o naturalista João da Silva Feijó, se digne ordenar que ambos de accôrdo com o lente Fr. José da Costa Azevedo passem a examinar com toda a madureza e circumspecção as duas collecções de conchas e agathas orientaes que Francisco Antonio Cabral pretende vender, e que achando serem dignas de apreço as hajam de comprar effectivamente para o musêo e gabinete mineralogico da academia real militar; participando a esta junta o resultado da sua commissão para ella dar as competentes providencias relativamente á sua conducção e arrecadação.

« Deus guarde a V. Ex. Rio de Janeiro, 26 de Março de 1817.—Com a rubrica do presidente e a do segundo deputado. »

O officio e o aviso do conde da Barca, que aqui transcrevemos, foram por nós copiados, assim como o documento precedente, do archivo da escola central. Ver-se-ha, pelos dois primeiros, que o nome de Leandro fôra lembrado sem que tivesse sido indicado pela junta d'academia militar, no seu officio de 26 de Março.

5º documento

« O Illm. e Exm. Sr. conde da Barca manda communicar ao Sr. Fr. José da Costa Azevedo que se acabam de avisar o mineralogista barão de Eschwege, e os naturalistas João da Silva Feijó e Fr. Leandro, para que juntos com S. Mce. passem, no dia que ajustarem, á casa de Francisco Antonio Cabral, a fazer um exame nas qualidades e preços das collecções de conchas e de agathas orientaes, que elle pretende vender, e com que se poderia enriquecer o musêo e gabinete de mineralogia da academia real militar, devendo o resultado d'este exame subir á augusta presença de Sua Magestade por officio da junta d'aquella academia dirigido a esta secretaria d'Estado dos negocios estrangeiros e da guerra.

« Secretaria d'Estado, 21 de Abril de 1817. »

Segue-se o aviso do conde da Barca a Francisco de Borja Garção Stockler :

6º documento

« El-Rei nosso senhor, em consequencia da representação que a junta da academia real militar me dirigiu com data de 26 de Março p. p., relativo á collecção de conchas e de agathas orientaes com que se poderia enriquecer o musêo e gabinete de mineralogia da mesma academia, cuja collecção pretende vender Francisco Antonio Cabral; foi determinar que o barão Eschwege, João da Silva Feijó, o lente Fr. José da Costa Azevedo, e unido a estes o naturalista Fr. Leandro, aos quaes agora se expedem os competentes avisos, passem a examinar aquelles productos e o seu valor, dando conta á junta do resultado do referido exame, para que esta o faça subir á augusta presença de Sua Magestade por esta secretaria de Estado. O que par-

ticipo a V. S. para que assim conste á junta, e se haja de executar.

« Deus guarde a V. S. Paço, em 21 de Abril de 1817.
— *Conde da Barca.* — Sr. Francisco de Borja Garção Stockler. »

Fica assim provado que Leandro do Sacramento, comquanto eminente na botanica, consagrara tambem uma parte da sua curta existencia ao estudo dos outros ramos da historia natural.

E' necessario, porém, reconhecer que na sciencia dos vegetaes absorveu a maior força do seu talento. Abram-se as monographias, os *Generas*, emfim os livros classicos de botanica, e em todos luzirá o seu nome, embora em menor numero de paginas que o de Fr. Velloso.

Os brasileiros que conheceram a Leandro recordam-se no tempo presente de um pavilhão que outr'ora fôra levantado no passeio público d'esta cidade, e do qual não se encontra hoje o menor vestigio, e onde a voz do distincto professor se fez ouvir muitas vezes edificando os seus ouvintes com as harmonias e encantos que elle descobrira no reino vegetal. As pessoas que interessavam-se pela botanica corriam pressurosas na direcção do passeio publico nos dias determinados para as suas lições. Em parte alguma mais poesia, nem mais attractivos, para ouvir-se contar as maravilhas das plantas, do que n'este ponto da cõrte, onde o movimento, a vida e as distracções proprias de uma grande capital eram esquecidos sob as copas frondosas das arvores seculares, que ahi viviam. Estes gigantes do mundo das plantas entrelaçavam os seus graciosos ramos no balouçar constante pela acção da brisa; os raios da luz detiam-se na sua marcha veloz sobre o limbo d'estas folhas, que uniam os seus bordos formando uma corôa elegante sobre o vulto imponente do

sabio professor, e no silencio profundo que dominava no auditorio elevava-se a sonora e eloquente voz do sabio monge vibrando os corações dos seus ouvintes, inspirada quando os seus olhos fitavam-se no espectaculo grandioso dos vegetaes, quaes balizas que limitavam o seu amphitheatro, divina quando o espirito atravessava os seculos indicados pelas arvores, em busca do infinito, da luz, da verdade, da origem emfim de todas as cousas !

Logo que a sua alma repousava d'estes vôos pelas regiões supremas da sabedoria, o corpo estremecia pelo peso de continuas hemoptyses, resultando o enfraquecimento gradual das suas forças: primeiro symptoma de uma enfermidade fatal que, mais tarde, o arremessou na sepultura.

.....
N'um d'estes rasgos de enthusiasmo, tão communs nas lições de Fr. Leandro, as suas vistas concentraram-se em um ponto do auditorio, e a phrase que pendia-lhe dos labios ficou incompleta ao contemplar a expressão de alegria e satisfação, que pintava-se no rosto de um de seus ouvintes. A curiosidade levou-o a indagar do nome d'este personagem, com o vivo interesse de conhecer o discipulo que lhe tributava tão repetidos signaes de admiração ! Em época posterior escrevia este discipulo as seguintes phrases a respeito de Leandro do Sacramento :

« Floresceram n'esta provincia carmelitana homens eminentes em letras e virtudes. Ainda de nossos dias ouvimos lições de botanica no passeio publico a Fr. Leandro do Sacramento, inspector do jardim botanico: d'elle temos a excellente *Memoria* da cultura do chá e seu fabrico no jardim da lagôa de Rodrigo de Freitas, tão enriquecido de plantas e arvores exoticas, que attrahe a visita e recreio dos nacionaes e estrangeiros áquella linda situação. Las-

timamos a sua morte tão fatal n'aquelle ramo da nossa litteratura e civilização. »

Estas palavras são do Dr. Balthazar da Silva Lisboa, nos *Annaes do Rio de Janeiro*, vol. VII, pag. 189.

Assim chora a posteridade o passamneto de um apostolo da verdade, na sciencia, cujo corpo desapareceu no leito da sepultura, ao passo que levanta hymnos festivos e cantos de jubilo, que echoam na vida eterna, quando se escreve a historia dos que lançaram os alicerces para o monumento da sciencia e das virtudes !

D'este modo conseguiu o naturalista brasileiro desempenhar o lugar de director do passeio publico: ora solicito pelos productos que a nossa natureza vegetal alli expandira, ora instruindo ao povo com sabias lições de phylogia.

A idéa concebida pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa de crear um jardim cheio d'encantos e ornamentos, aliás bem executada, como um recreio para a população d'esta côrte, serviu, entre outras vantagens, para que um novo interprete da sciencia ahi depositasse a pedra fundamental da sua gloria — o magisterio — tão bem iniciado na academia medico-cirurgica.

O governo do Brasil levou a sua consideração ainda mais longe; d'elle recebeu o virtuoso sacerdote a nomeação para director do jardim botanico da lagôa de Rodrigo de Freitas, onde se avantajou por grande numero de serviços importantes. Tomou a si a administração no mez de Março de 1824, possuido da idéa inabalavel de beneficiar o paiz, contribuindo para a prosperidade d'este util estabelecimento.

E' geralmente sabido que o governo de S. M. El-Rei D. João VI, havia pugnado sempre pelo desenvolvimento do jardim botanico, ora com a concessão de novos terrenos, ora promovendo a aclimação de plantas uteis, para que o

povo brasileiro pudesse algum dia colher beneficios da sua cultura. O embelezamento do jardim não escapou ao pensamento do governo; e tanto assim que, entre outros ornamentos ahí existentes, sobresaem as elegantes *oreodoras*, plantadas a capricho, e alvo de prazer aos olhos de nacionaes e estrangeiros. O que porém teria saltado ao espirito de Leandro do Sacramento é a concepção de um jardim verdadeiramente scientifico, onde o Brasil ostentasse os seus grandes recursos sob o ponto de vista da historia natural, de alcance transcendente para o futuro do Imperio.

Ainda hoje fervem em nossos espiritos as impressões que bebemos em Europa com o fim de applical-as ao Brasil, Longe do ruido do centro de Paris, procuram os sabios da Europa, e os seus discipulos, o templo da sciencia, ou o musêo do Jardim das Plantas, um dos muitos que se têm creado n'esta cidade d'encantos e de maravilhas. Não se julgue que o botanico dirige os seus passos para ahí pensando achar tão sómente plantas da França e das suas colonias. No Jardim das Plantas encontra-se milhares de vegetaes de todas as regiões do globo, em riquissimos herbarios, distribuidos por familias, perfeitamente classificados, e accessiveis a toda e qualquer pessoa, nacional ou estrangeiro, que as queira estudar. Quantas vezes nos despertaram saudades do caro Brasil aquelles numerosos specimens da flora do Imperio, espelho fiel do esplendor da nossa vegetação? A riqueza em plantas brasileiras é tal, que o phytologista da Europa ambiciona vir ao Brasil mais para se extasiar perante o espectaculo magnifico que offerecem as nossas plantas vivas, do que pelo desejo de conhecerem maior numero de typos especificos já classificados! Depois de percorrer estas galerias de herbarios, ou antes, depois de contemplar-se n'este musêo, os represen-

tantes botanicos do mundo inteiro, o espirito fatiga-se sob o peso de fortes e agradaveis impressões, e procura fóra do edificio uma nova fonte inesgotavel de sensações : e o que vê elle ? Agora são plantas vivas, arrançadas em ordens naturaes, com os seus respectivos nomes scientificos, constituindo um vasto campo para estudos praticos ! D'estes factos nascem a educação do espirito pelo amor da verdade, fortificam-se as idéas, cream-se intelligencias para as monographias, para as obras systematicas e praticas, as glorias, enfim, das grandes nações !

Do outro lado da Mancha tambem vimos o orgulho de uma nação revelado no esplendor das colleções de historia natural. Citaremos como uma das maravilhas da Inglaterra o celebre Kew-Garden's, em Londres, onde se tem accumulado perto de 1,000,000 de plantas seccas de todos os continentes, objecto das mais merecidas ovações por parte dos maiores naturalistas do mundo. O Brasil ahi tem uma dóse avultada de vegetaes. Oxalá que o muséo do Rio de Janeiro possa algum dia reunir nas suas vitrinas um numero de plantas brasileiras igual ao de nossos vegetaes hoje vistos em Londres e na capital da França.

Ainda não é tudo. As colleções mineralogicas espantam a todo o mundo. O estudo da zoologia é feito, na Europa, tendo como exemplos : os animaes empalhados com primor, e classificados, de diversas procedencias ; e apontaremos como typos os do muséo britanico. Os alumnos de zoologia, assim como os professores,, estudam a anatomia comparada sobre a natureza, e completam os seus estudos na observação dos animaes vivos de todas as classes, ordens, e familias, e de diversas proveniencias, que hoje augmentam a importancia dos jardins de Paris, e de Londres, o primeiro do mundo ! E o nosso espanto creceu de proporções quando os encontrámos na margem do *Scalda* ;

n'esta *Antuerpia*, um dos florões do reino da Belgica. Em frente á estatua do grande *Rubens*, o pintor chefe da escola flamenga, assaltaram-me n'alma as recordações da patria, e as idéas de um futuro grandioso para o Brasil, onde os elementos de prosperidade abundam, onde os recursos naturaes, a riqueza emfim, attingem tão elevado gráo, que tudo devemos esperar de grandioso, desde que outros paizes, como a Belgica, menos favorecidos pela mão da Providencia, procuram por todos os meios consolidar o amor e o estudo das sciencias naturaes ! A questão é de tempo : e o futuro nos responderá.

Se o governo do Brasil, em vida de Fr. Leandro, houvesse pensado em fazer do Jardim Botânico da lagôa de Rodrigo de Freitas um deposito para as nossas riquezas botanicas e zoologicas, os governos que o succederam, longe de abandonarem, teriam impellido este pensamento a uma realidade tão cheia de beneficios para o Imperio. Leandro do Sacramento procurava acclimar plantas uteis nos terrenos do Jardim Botânico, e desenvolver a cultura de vegetaes indigenas prestimosos, nò que prestou distinctos serviços ao paiz. Mas estes resultados não teriam sido menos notaveis, se para a cultura d'estas plantas fossem destinados outros terrenos dos arredores do Rio de Janeiro, aproveitando-se o jardim e o merecimento do naturalista brasileiro no intuito de crear-se no Jardim Botânico um digno rival do Kew Garden's, e do Jardim das Plantas. Paiz algum do mundo necessita mais de naturalistas do que o Brasil. Estes não se formarão senão quando tiverem uma base solida para a sua instrucção.

Ainda é tempo. O Jardim Botânico é o alvo das nossas esperanças. Basta que o governo consagre uma certa somma por anno, e não avultada ; pouco a pouco se reunirão os materiaes, e no fim de alguns annos o triumpho será com-

pleto. Leandro do Sacramento pensaria assim se ainda hoje podesse emitir o seu juizo.

Apresentaremos um argumento.

Nos 41 fasciculos da *Flora Brasiliensis* publicados até o anno de 1866, estão descriptas 7,568 especies pertencentes a 794 generos. O Dr. Martius, em uma das suas cartas a nós dirigida, calcula em 9,616 o numero d'especies que ainda não foram descriptas, e muitas das quaes vivem desconhecidas nas matas do Brasil. Para o conhecimento das 7,568 especies, já publicadas, concorreram os esforços dos botanicos estrangeiros, abrangendo mais de dois terços do trabalho terminado; o resto é gloria dos botanicos brasileiros. Perguntaremos: com que elementos contaremos para o estudo e descripção das 9,616 especies, ainda não incluídas na *Flora Brasiliensis*. E' tão reduzido o numero de brasileiros que se dedicam á botanica, que nada se conseguirá antes de se infiltrar o gosto por este estudo, de desenvolver-se as vocações, e de garantir o futuro d'aquelles que se sacrificam pela historia das plantas. Conseguídos estes grandes resultados, com boa vontade e perseverança, proclamaremos a independencia do Brasil, na sciencia.

Fr. Leandro encontrou no Jardim Botanico a plantação de chá, uma parte em bom estado, e outra quasi sem vigor pelos obstaculos que a ella oppunha o crescimento de plantas sylvestres. Cuidou logo em salvar esta plantação, e em colher todos os dados para a publicação de uma memoria, em que podesse transmittir aos agricultores os conhecimentos praticos adquiridos na industria a respeito d'esta utilissima planta.

A 7 de Janeiro de 1825 recebeu elle uma portaria do governo de S. M. o Sr. D. Pedro I, para que houvesse de preparar *collecções de sementes de chá, cravo etc.*, afim de

serem enviadas ás provincias do Imperio. Fr. Leandro cumpriu as ordens do governo, publicando então a memoria, que depois discutiremos na apreciação dos seus trabalhos botanicos.

A historia da botanica menciona muitas vezes o seu nome pelos *generos* que creou para a flora brasileira, bem como em homenagem ás *especies* por elle classificadas. Os seus serviços á sciencia foram logo reconhecidos, e a elles deve Leandro do Sacramento os diplomas que recebeu de *socio correspondente d'Academia Real de Sciencias de Munich*; da *Orthicultural de Londres*; da *Sociedade Real de Agricultura e Botanica de Gand*; e do *Instituto Columbiano*.

Se o Instituto Historico conceder-nos a sua benigna attenção apreciaremos nos seguintes capitulos, os escriptos do nosso illustre compatriota.

CAPITULO IV

CLASSIFICAÇÃO DE PLANTAS DO BRASIL POR FR. LEANDRO DO SACRAMENTO

São justamente as grandes regiões botanicas tropicaes as que mais necessitam da parte fundamental da vasta sciencia das plantas: a *phytographia*. Seriamos felizes se uma parte da mocidade que hoje levanta-se do seio da patria se entregasse ás descobertas da *organogenia*, *d'anatomia elementar e descriptiva* e da *physiologia*, e mesmo da *morphologia vegetal*, ramos estes da botanica nos quaes a intelligencia humana muito tem que descobrir; mais feliz, porém, se consideraria o Brasil, se maior numero de seus filhos abraçasse a *phytographia* por sua especialidade, com o fim de tornar conhecidas as es-

pecies, que ainda não foram aproveitadas na medicina, nas artes e na industria.

A *dendrologia* apenas começa a apparecer com certo grão de importancia, necessitando aliás do mais amplo desenvolvimento, no Brasil, onde os vegetaes seculares constituem o principal ornamento da sua flora, e um dos grandes elementos da riqueza nacional.

Não fallemos do presente, e menos do futuro ; refiramo-nos ao passado. N'este lance d'olhos retrospectivo de visamos : a imagem de Velloso, como classificador por excellencia ; a de Arruda da Camara, botanico illustre da provincia das Alagôas, cujo nome figura, nos annaes da sciencia, ao lado das plantas por elle estudadas no solo brasileiro; emfim a de Leandro do Sacramento, cujos trabalhos serão aqui mencionados. Tres phytographistas para a flora do Imperio !!!

Leandro não se contentou em formar um herbario de plantas nacionaes para constante entretenimento do seu espirito ; depois de as recolher, classificava-as, e as numerava escrevendo á margem o nome botanico por elle determinado ou creado.

Se por acaso entrava em relações com qualquer naturalista estrangeiro, que explorasse o nosso territorio, brindava-lhe com os fructos das suas herborisações, offerecendo exemplares completos da sua collecção de plantas. Augusto de St. Hilaire patenteou a sua gratidão para com o nosso compatriota, escrevendo o nome de Leandro na primeira pagina da sua *Flora Brasilia Meridionalis*, nos seguintes termos: « *Esta flora abrangerá todas as plantas que trouxe d'America. Não incluirei especie alguma das que se acham nos herbarios ; e se descrevo algumas, que não foram por mim colhidas, são aquellas que deram-me, durante as minhas viagens, o meu excellente amigo*

M. Antonio Nogueira Duarte, o capitão Pires, o padre Leandro do Sacramento, e a Sra. condessa de Roquefeuille.

Sirva de exemplo o exemplar da especie *Chorisia crispiflora* de Kunth, que St. Hilaire descreve n'esta importante obra. No fim da descripção lê-se a seguinte phrase : « *Ex-provincia Rio de Janeiro missa a cl Langsdorff et Leandro do Sacramento. In maritimis crescens.* »

E' certo que, em alguns muséos da Europa, são estudadas plantas colhidas pelo phytographista brasileiro.

Com que dados contribuiu Leandro para maior brilho da flora do Imperio ?

Responderemos na seguinte apreciação dos generos por elle estabelecidos.

1º. *Genero.* Na familia das *thymeleaceas* vigora uma prova evidente da sua intelligente cooperação. O genero *Funifera* de Leandro foi adoptado, com os seguintes caracteres :

.....
« Flôres dioicas. Calis herbaceo, tubuloso ou campanulado, 4 lobos, em geral pubescente, lobos iguaes, fauce com escamas. A flôr masculina contém 8 estames, em duas series, inseridos no tubo ou na fauce do calis ; filetes glabros ; anthéras ovaes na fórma, e erectas, 8 escamas hypogynas, livres, de permeio com abundantes pellos. Pistillo rudimentario. Flôr feminina : calis persistente, limbo connivente. Ovario hirsuto, com uma loja, e uni-ovulado. Estylete terminal, filiforme, persistente, e lateral ; stigma capitado, e com papillos. O fructo é uma drupa secca, envolvido pelo calis, cariaceo, fragil, pericarpo, crustaceo, etc. Embryão sem perisperma ; cotyledones carnudas etc., etc. »
.....

Assim foi descripto o genero *Funifera* de Leandro, per-

petuamente na historia das plantas, e pela primeira vez no *Boletim* d'Academia de S. Petersburgo. O genero *Lagetta* de Martius, hoje não admittido pelo proprio Martius, figura apenas como synonymia.

O facto de terem sido com tanta consciencia discriminados os caracteristicos d'este genero, bastaria para comprovar o merecimento do seu illustre autor, ainda em evidencia nas outras producções de seu espirito.

A planta que serviu de base á creação d'este genero é a *embira-branca*, *Funifera utilis* de Leandro, por elle colhida nos arredores do Rio de Janeiro. O nome vulgar de *embira*, que lhe attribuem, provém da semelhança entre o seu *liber* e o das embiras do genero *Xilopia* da familia das *Anonaceas*. As folhas liberianas separam-se em fibras longas, das quaes nos servimos para cordas, laços de cercas, etc; primando estes fios pela tenacidade, em relação a outras especies que participam do mesmo nome vulgar, e d'igual genero.

Outros botanicos tambem a estudaram, creando nomes scientificos que os legisladores da sciencia não admittiram:

Velloso baptizou-a com o nome de	Bosca stupacea
Martius " " "	Lagetta funifera
Meissner " " "	Neesia daphnoides
Raddi " " "	Daphne brasiliensis
Lhotzky " " "	Daphne themerini.

Todos estes nomes só existem como synonymia do *Funifera utilis* de Leandro, nome admittido nas classificações das *Thymeleaceas*.

.....
2º genero. Quantas phrases de enthusiasmo não têm cahido da penna dos naturalistas sob a impressão de uma planta brasileira, de côr deslumbrante, typo esplendido

da vegetação da serra do Mar, e de outros pontos do Brasil!

Subindo nós a montanha do Corcovado em companhia do Sr. Varming, botanico dinamarquez, nos extasiámos ao observar pela primeira vez as flôres de uma composta, hoje designada por *Stiftia chrysantha*. Os seus capitulos, de sete centímetros de largura, compostos de flôres de côr de ouro, corôam estes arbustos do Brasil, para os quaes Leandro creou o genero *Augusta*. Endlicher o admittiu no seu *Genera plantarum*. Outros, porém, considerando a prioridade do genero *Stiftia*, e entre elles d'Orbigny, adoptaram o segundo de preferencia ao primeiro, sendo a especie typo a: *Stiftia chrysantha* de Mikan (descripta no *Prodromus* de De Candolle), que Leandro descreveu com o nome de *Augusta chrysantha*; Spreng com o de *Plazia brasiliensis*. Magnifica quanto ao aspecto, não sabemos se o será a respeito da utilidade. Temos dois exemplares no nosso herbario, que apenas conhecemos pela classificação. Tanto esta, como as *Vernonias*, *Eupatorias*, etc., que acompanham-a no Corcovado, não foram estudadas por Leandro sob o ponto de vista das propriedades.

Depois de propôr o genero *Augusta* aos sabios da Europa, que sem duvida o aceitariam se o *Stiftia* não fosse anterior, Leandro procurou novas especies de compostas, e para algumas descreveu em manuscripto mais um genero, que elle chamou *Sanhilaria*, sem fundamento indispensavel para o separar do precedente.

Este terceiro genero foi, pois, reunido ao *Augusta* logo que a Endlicher communicaram a nota em manuscripto de Fr. Leandro.

Depois de fundidos ficaram como signaes distinctivos aquelles que mencionamos no fim d'este trabalho, sendo

entretanto referidas ao *Stiftia* todas as plantas que Leandro distribuiu nos generos *Augusta* e *Sanhilaria*.

Passemos á extensa familia das Euphorbiaceas, compulsando as paginas das duas monumentaes memorias, a de Muller toda descriptiva, e a do sabio Baillon no ponto de vista mais universal. Em qualquer dos dois trabalhos se expandirá de alegria o coração brasileiro reconhecendo os novos serviços do illustre finado.

4º genero. Velloso e Leandro distinguiram-se igualmente em estudos das uteis euphorbiaceas. Não descreveram *Mabas*, amanoás, seringueiras (*Siphonia*), nem outras arvores prestimosas d'este grupo, que habitam o valle do Amazonas; em compensação, porém, convergiram suas vistas para as especies que viviam no raio de sua actividade d'herborisadores.

Spixia é o nome de um genero offerecido por Fr. Leandro ao juizo dos homens provecetos do outro lado do oceano.

No anno em que o Dr. Baillon publicou a memoria das euphorbiaceas ficou estabelecido que o genero *Pera* absorveria os generos:

Spixia de Leandro;

Perula de W.

Clistauthrus de Poit;

Peridium de Schott;

Schismatopera de Kl. ; com duas secções.

1.ª *Eupera* 2.ª *Schismatopera*.

O Dr. Martius recebendo na Europa a planta que Leandro havia achado como typo do genero *Spixia* discordou sómente quanto ao nome especifico, collocando-a no seu herbario com o nome de: — *Spixia Leandri—Martii*. — Nome proposto por Leandro: — *Spixia heteranthe*. — *Leand*.

O Dr. Baillon escreve:—*Pera Leandri*—Baill, nome tambem admittido pelo Sr. Muller.

A unica differença que notamos consiste em que este aceitou o *Spixia* de Leandro como uma secção do genero Pera, não resultando divergencia alguma entre a opinião do Sr. Muller e o modo d'entender do Dr. Baillon, salvo o facto do segundo haver incluído ao *Spixias* na secção *Eupera*, com os seguintes traços: « *Etamines 4—8 monadelphes; filets soudés en une colonne cylindrique plus longue* », e o primeiro na terceira secção do genero Pera, para o qual conservou o nome *Spixia*, formulando assim as modificações d'esta secção, em relação ao genero principal:—Sect. III.—*Spixia*. « *Involucrum opposite bibracteolatum, hinc hians. Calix masc. evolutus, turbimatus, multifidus. Rudimenta ovariorum circa flores masculos sita 4—3 integra. Filamenta breviter connata, vulgo brevis. Antherae vulgo haud longiores quam latas.* »

Consequentemente, todas as especies que Leandro e outros botanicos haviam classificado no seu genero *Spixia*, que hoje é uma secção do Pera de Mutis passaram a pertencer a este ultimo:

<i>Spixia heteranthera</i>	Leand.	Pera Leandri Baill.
S. cinerea	Popp.	P. cinerea Baill.
S. lucida	Popp.	P. arborea Mut.
S. glabrata	Mart.	P. arborea Mut.
São arvores d'America tropical.		

3º genero. Pertence igualmente á divisão das euphorbiaceas uniovuladas, o genero *Gymnarræa* de Leandro do Sacramento, presentemente uma secção do genero *Actinostemon* de Mart. onde incluímos a canella de veado (*A. lanceolatum Sald.*) da Parahyba do Sul.

Comprehende pequenas arvores lactescentes, com flôres monoicas e núas.

Antes de passarmos á exposição de outros generos, faremos menção de alguns factos em relação a esta ordem.

No muséo do Jardim das Plantas de Paris são estudadas diversas especies d'euphorbiaceas enviadas por Fr. Leandro, taes como :

1819. *Euphorbia brasiliensis*, que algumas pessoas designam por *herba de Santa Luzia* (diferente da Santa Luzia *Ophthamoblapton macrophyllum*, F A.), cujas propriedades medicinaes são de ha muito apregoadas.

1819. *Iolucroton fuscescens* Bail, por elle denominada *Croton tridesma* Leand.

1819. *Alchronea Neoralis* Mart.

1819. *Dalechampia pentaphylla*, Lam. *Dalechampia digitata* de Leandro.

1819. *Dalechampia Leandri-Baill*, enviada por Leandro sem indicação especifica.

1819. *Tetaplandra Leandri* H. Bu.

Enfim uma das amostras vistas em Paris d'entre as que foram mandadas do Rio de Janeiro pelo illustre brasileiro sobresahe uma especie descoberta por elle, e para o qual propõe Fr. Leandro o nome de :

Plukenetia occidentalis Leandro, nome accito pelo insigne professor de botanica da escola de medicina de Paris.

6º genero. — O coração sensivel do distincto brasileiro, cujo nome pertence á historia, tinha um throno para a amizade, assim como uma razão calma e illustrada para admirar as qualidades dos seus amigos, e aquelles que mais mereciam por seus attributos.

Jorge Langsdorff tem o seu nome nas obras classicas de botanica. A' ordem das rutaceas pertence o genero *Langsdorffia* creado por Leandro do Sacramento, que St. Hilaire menciona como synonymia do *Zantoxylum* de Kunth. Os representantes d'esta familia são, principalmente : o *coen-*

trilho (1), a *larangeira brava* (2), a *larangeira do mato* (3), a *arruda* (4), a *tinguaciba* (5), uma especie de *falsa quina* (6), as *arapocas* (7), *tres folhas brancas* (8), etc., etc.

Hooker e Bentham consideram o genero *Langsdorffia* (9) no seu *Genera plantarum*, em harmonia com as idéas de St. Hilaire. Convem que façamos uma pequena historia a este respeito.

Leandro do Sacramento colheu nas matas do Rio de Janeiro as folhas, flôres e fructos de uma arvore, e reconheceu ser um typo para um novo genero, que elle creou com o nome acima indicado; St. Hilaire porém, de volta a Paris, encetou o estudo das plantas por elle colhidas no Brasil, comparou uma das suas rutáceas áquella que Fr. Leandro enviára ao musêo de Paris, com o nome de *Langsdorffia*, e convenceu-se de que eram identicas as duas amostras. E assim se venceu, permanecendo a especie do botanico brasileiro no genero *Zantoxylum*, com o nome de *Zantoxylum sorbifolium* de St. Hilaire. St. Hilaire affirma ainda mais, na sua *Flora Brasiliæ meridionalis*, que não aceita a idéa de Nees relativa á identidade da sua especie *Pohlana Langsdorffia* com a que Leandro tomou para fundamento do seu genero, baseando-se, em primeiro lugar, no facto de serem de tres pés de altura o caule do *Pohlana*

(1) *Zantoxylum hyemale*.

(2) *Z. monogynum*.

(3) *Evodia febrifuga*.

(4) *Ruta graveolens*.

(5) *Z. spinosum*.

(6) *Hortia brasiliensis*.

(7) *Galipea* sps.

(8) *Ticorea febrifuga*.

(9) O Dr. Martius creou um genero *Langsdorffia* na familia das *Balanophoraceas*.

Langsdorffii, (hoje *Zantoxylum Langsdorffii*), quando o da primeira tem as dimensões de uma arvore. Menciona tambem a presença de *aculios* e de *pellos* como signaes distinctivos da especie de *Nees*.

Pelo facto de não ser admittido este genero de Leandro nem por isso fica menos patente o serviço, que elle procurou prestar á sciencia, perscrutando as plantas de uma das familias interessantes do reino vegetal.

7º genero. — No grande ramo das monocotyledones existe uma familia, a das *balanophoreas*, cujas plantas vivem como parasitas sobre as raizes de outros vegetaes. Leandro as estudou, pensando achar no Brasil representantes para : o *ombrophyto* do Perú, cujo crescimento, na phrase do sabio *Decaisne*, é rapido depois das chuvas ; do *cogumello de Malta* (*cynomorium coccineum*), planta adstringente, cujo succo rubro era aconselhado contra as hemorragias (10) ; do *sarcophyto*, que exhala dos seus orgãos um cheiro nauseabundo ; e alguma que fôsse alimentar como o *ombrophyto* da republica peruana.

Leandro não se enganou : as *balanophoreas* são pequenas plantas, que vivem, principalmente, sob a influencia dos climas tropicaes ; por excepção encontra-se uma ou outra na bacia do Mediterraneo. A America offerece typos d'este grupo. Leandro e outros phytologistas as encontraram em terrenos do Brasil, estudando-as pelo lado da utilidade, e não menos pela curiosa estructura do seu tecido.

Uma especie indigena do Brasil pareceu nova ao sabio carmelita, e não propria para qualquer dos generos até então conhecidos. Depois de aturado estudo descreveu para ella o seu genero *Lathraeophila* publicada nos *Annaes das*

(10) Tratado geral de botanica do Sr. *Decaisne*.

sciencias naturaes. Leandro não conhecia os trabalhos de Richard sobre as *balanophoreas*, por elle impressos nas *Memorias do Muséo de Historia Natural*, onde se vê a precedencia na descripção do genero *Helosis* de Richard. Decidiram pois os legisladores da botanica que o *lathracophila* figurasse apenas como synonymia de *helosis* (11). Leandro chegou a reunir outros materiaes para o estudo das *balanophoreas*, que mencionaremos quando tratarmos das suas relações com A. de St. Hilaire.

8º genero. — O nosso compatriota quiz perpetuar o nome de Raddi na flora brasileira, propondo o genero *Raddisia* para um vegetal da ordem das *hyppocrateaceas*. A sua descripção foi inserta no tom. 15, 244, VII. do *Munchener. Denk. Schrift.*

Por algum tempo nutrimos duvidas a respeito da substituição ou aceitação d'este genero. Compulsando os preciosos documentos que actualmente possuímos sobre a sciencia dos vegetaes, vemos que uns optam pelo *Tontelea* de Aublet; o Sr. Cambessedes fez do *Tontelea* uma synonymia do *Salacia* de Linnêo, na sua memoria das *hyppocrateaceas* inserta na *Flora Brasiliae meridionalis* de St. Hilaire. Parece-nos pois que o *Raddisia* ficará subordinado ao genero *Salacia*.

A penultima palavra d'este capitulo está destinada a lembrar uma especie da sub-ordem das *papilionaceas*, para a qual Leandro do Sacramento propôz o nome de *Martia physalodes*, na tribu das *phaseolaceas*, cuja descripção acha-se no *Denks* (12). *Acad. Mun.* VII. 235, tom. 12. E' uma planta herbacea e voluvel, encontrada nas provincias de Goyaz, Pará, Alto Amazonas, Minas-Geraes,

(11) Mais adiante faremos menção de um outro genero creado por Leandro.

(12) Nota do Dr. Martius.

Rio-Grande do Sul, e na provincia do Rio de Janeiro pelo sabio carmelita.

Foram tantos os que a classificaram, que se tornou extensa a relação dos nomes scientificos a ella dedicados.

Chama-se hoje : *Clitoria Glycinoides*, D. C.

Nomes não admittidos :

Martia physalodes, Leandro do Sacr.

Neurocarpum glycinoides, Desv.

Clitoria falcata, Law.

Clitoria rubiginosa, Pers.

Neurocarpum argenteum, Duchass. etc., etc., etc.

Ainda que não admittido, o nome proposto por Fr. Leandro será lembrado sempre que fôr citada a planta a que elle se refere, pelo interesse que ella inspira por suas propriedades medicinaes. Descourtiz escreve a apologia das *clitorias* na sua *Flora das Antilhas*, e patentêa as virtudes da *clitoria rubiginosa*, na perturbação das funcções digestivas, usando-se das raizes em infusão, e em outras affecções do nosso organismo.

Não iremos mais longe n'este capitulo. Tantos esforços pela botanica, ou pelo seu progresso, não passaram as trevas da ingratidão por parte de alguns sabios d'entre os que marcham á frente do desenvolvimento da sciencia. Raddi encarregou-se de pagar-lhe a divida de gratidão, com applausos unanimes de todos os phytologistas, creando o genero *Leandra* (13) na familia das *Melastomaceas*, com o

(13) Tribus VII. Miconiæ. (H. e B.)

« *Leandra*, Raddi, Atti. soc. Ital. scienz. XVIII. 6. Calycis sæpius hispidi tubus ovatus urceolatus v. lageniformis, ultra ovarium productus; lobi duplicati, interiores 5—7 membranacei v. 0, exteriores totidem, subulati. Petala 5—7, lineari lanceolata. Stamina 10—14, æqualia, filamentis elongatis; antheræ lineari subulatae, 4 porose, recurvæ, connectivo basi inappendiculato v. postice incrassato. Ova-

nobre pensamento de tornar immorredoura a memoria do sabio brasileiro. *Hooker* e *Blh* o escreveram como admitido no seu *Genera plantarum*, ao qual pertencem sete especies do Brasil, duas das quaes foram chamadas *Leandra racenifera*, e *L. dubia* por *De Candolle*.

CAPITULO V

MEMORIA ECONOMICA SOBRE A PLANTAÇÃO, CULTURA E PREPARAÇÃO DO CHÁ.

Com este titulo publicou Fr. Leandro uma brochura com a idéa de vulgarisar a cultura do *Thea viridis* nos terrenos do Brasil. Se elle conseguiu algum resultado das idéas que emittiu á luz da imprensa, dizem-no os habitantes do Brasil, e especialmente os das provincias do sul, onde esta planta cobre de anno em anno maior raio territorial. Muitas vigílias custou a Leandro a indagação dos documentos para a memoria do chá; d'esta planta, que a China produz annualmente aos 270,000,000 (anno de 1867) em folhas seccas, para as principaes partes da Europa, e d'America do Norte, etc., etc.

Não só no Brasil, como em outros paizes, muito se avanta este nome sympathico pelo beneficio que con-

rium 4—6 loculare, vertice setosum, semiadherens, v. fere liberum: stylus filiformis, exsertus, apice attenuatus, stigmatibus punctiformi. Bacca 3—6 locularis, limbo calycis coronata. Semina pyramidato obovoidea, raphe laterali insculpta. Fructices, sæpissimi setosi v. asperi ramulis teretibus. Folia æqualia v. subæqualia, sessilia v. petiolata, 3 nervia, integerrima ciliata v. denticulata. Flores parvi, capitati, capitulis sæpissime bracteatis in cymas paniculatas terminales dispositis.»

segiu derramar sobre a agricultura nacional, fornecendo os meios, n'este opusculo, para a cultura desenvolvida de tão preciosa quão útil planta, e a elle devemos o grão de prosperidade que n'ella notamos relativamente aos terrenos do Imperio.

Nas grandes salas do palacio de Kensington, em Londres, no anno de 1862, procuravam os jurados da classe *agricultura* os termos de comparação nas amostras de chá da China, das Indias, e de outras procedencias, e depois de aturado estudo pronunciaram a ultima sentença, que corre impressa nos annaes d'esta exposição universal. Coube ao Sr. *Aubry Lecomte* a tarefa de apreciar os specimens do Brasil, formulando sobre elles o seguinte pensamento : « *O Brasil tem feito, especialmente em S. Paulo e em Minas-Geraes, plantações de chá assás importantes para fazer face a uma parte do seu consumo. Algumas plantas introduzidas no Natal multiplicaram-se de modo tal que presentemente se alimentam as mais legitimas esperanças quanto aos seus productos.* »

Se d'este facto resulta alguma gloria, parte d'ella deverá reverter para Leandro do Sacramento, conforme o juizo imparcial dos que observam os progressos do Brasil. E maiores seriam os beneficios hoje aproveitados, se a indolencia e a rotina não se prendessem tão intimamente as rodas d'agricultura nacional. São numerosos os exemplos de grande actividade industrial em outras regiões do globo. O governo inglez, segundo o *barão Charles Dupin*, senador em França, no seu trabalho sobre a *força productiva das nações*, procurou aclimar o *Thea viridis* em suas colonias, e grandes foram os resultados que se seguiram d'esta idéa para a metropole e seus dominios. Formou-se uma companhia com capitães de Calcuttá, com o fim de estender o mais possivel o plantio d'esta especie no solo de *Cachar*.

Novos fundos foram levantados por uma cõpanhia ingleza com as vistas no paiz d'Assam, e ahi colheram-se resultados ainda mais favoraveis.

Relevem-nos esta rapida divagação, que não deixa de ter connexão com o fim a que nos propomos.

Depois da conquista d'Assam pelos inglezes as tribus *Sang-fo* mostraram-lhes individuos do *Thea viridis* nascidos espontaneamente n'estes terrenos. Em 1837 o Sr. *Bruce*, director dos jardins de *chá*, enviou a Calcuttá uma caixa contendo folhas d'estas plantas, as quaes depois de analyzadas despertaram enthusiasmo entre os capitalistas inglezes. Com tanta perseverança e rapidez augmentaram esta cultura, que em 1851 comprava-se em Londres o *chá* d'Assam por maior preço que o valor medio do chá da China, tão notaveis se tornaram os predicados da primeira. A companhia de *Assam* levou os seus esforços ao ponto de apresentar na exposição do palacio de crystal, em Londres, documentos precisos demonstrando que a producção do chá tinha sido de :

5,000 kilogrammas em	1840
14,000	» » 1841
114,000	» » 1850
349,263	» » 1858

O senador *Dupin*, historiando a *força productiva das nações*, admira-se que o progresso d'esta cultura nas Indias orientaes tenha permittido ao governo inglez o importar das Indias :

591,902 kilogrammas no anno de	1839
1.189,143	» » » » 1860

Coube á companhia d'Assam 9 % de rendimento annua do capital empregado n'esta industria.

O enthusiasmo lavrou em todas as classes. Quem tivesse um capital de vinte contos gozaria de uma vida independente cultivando e vendendo as folhas d'este util vegetal.

Dupin corrobora esta idéa ainda affirmando que, um inglez, moço corajoso e intelligente, sem recursos pecunia-rios proprios, conseguiu um capital por emprestimo, por elle applicado á plantação do chá, e que este capital foi origem de uma fortuna regular, que, no futuro, o protegeu contra as necessidades.

Façamos a applicação. Leandro escreveu a sua memoria em 1825. São passados 44 annos depois que elle offereceu este relevante serviço ao Brasil. D'esta época data o maior empenho pela cultura da planta em questão nas provincias meridionaes do imperio. O raio de cultura, forçoso é reconhecer, tem augmentado em certas proporções, e sem aquelle empenho que se poderia esperar dos nossos lavradores em relação a uma planta tão preciosa, que importamos do estrangeiro aos milhares de kilogrammas annuaes. Quasi meio seculo nos separa do anno em que o nosso compatriota resolveu dar este impulso á nossa agricultura; e n'este lapso de tempo notaremos factos communs na aclimação do chá, na ausencia de resultados estrondosos, que outros paizes podem patentear na historia d'este ramo da sua industria agricola. O que existe entre nós é pouco para o que poderia haver, se maior fôsse a energia e actividade da agricultura nacional. Entretanto diz Leandro do Sacramento « que esta planta no Brasil estará em breve tempo a par do café e canna de assucar. »

Passemos ao conteúdo da memoria de Leandro.

O illustre botanico escreveu um erro na primeira pagina d'esta memoria; dizemos erro tendo em vista: a ordem moderna em que estão distribuidas as familias botanicas,

os seus limites e divisões actuaes, e os nomes pelos quaes são ellas hoje designadas. Raciocinando assim não ultrapassaremos as balizas da verdade, affirmando que a classificação do chá na familia das euphorbiaceas, como fez Leandro, é, no tempo presente, um erro de lesa-phytographia.

Vejamos. A ordem das euphorbiaceas comprehende centenas de plantas uni-sexuaes, monoicas ou dioicas na sua generalidade; e algumas hermaphroditas, segundo as observações organogenicas de Payer e Baillon sôbre as especies de *Pedilanthus* e *Euphorbia*.

Os estames existem em numero variavel, livres ou soldados, com anthéras introrsas ou extrorsas. O pistillo compõe-se commummente de 3 carpellos, á estyletes livres, passando pela fecundação, a uma capsula em geral tricocca, a dehiscencia variavel, com uma ou duas sementes em cada loja, contendo cada uma um embryão envolvido por um albumen, tendo estas sementes de notavel um carunculo, que uns suppõe nascer na micropyla, e que outros consideram como uma producção anomala da primina. Os envoltorios floraes podem existir na mesma flôr; em outras faltam os petalos; ou ambas desaparecem completamente como se vê nas flôres nuas dos *actinostemons*. Se juntarmos a estes traços o facto incontestavel de serem muitas especies nimiamente lactescentes, como provam os *amanods* e *siphonias* do Brasil teremos esboçado os caracteres fundamentaes d'esta ordem. Nem seriamos obrigados a ir tão longe logò que lembrassemos o habito exterior das euphorbiaceas, com o qual não se confunde o do chá, e o de outras especies que d'esta se approximam.

O leitor que apreciar a descripção do chá publicada por Fr. Leandro chegará ao conhecimento de que a familia

das euphorbiaceas de *Jussieu*, indicada pôr elle, estava longe de abranger as afinidades naturaes dos vegetaes que os botanicos modernos gruparam na familia d'este nome ; a morphologia é outra ; os limites actuaes diversificam essencialmente ; emfim não ha um factô de semelhança.

Se Leandro do Sacramento contemplasse hoje a revolução por que têm passado as ordens botanicas, seria o primeiro a espantar-se ao lêr as primeiras phrases do seu livro.

O que a sciencia hoje admite é o seguinte: O genero *théa* pertencêra por algum tempo ás *aurantiaceas*, depois da morte de *Jussieu* ; pouco depois foi elle destacado d'esta familia, servindo então de typo a ordem das *theaceas* aceita por alguns botanicos. Houve quem pensasse em fazer d'esta ordem uma simples divisão das *ternstroemiaceas*, e ficou estabelecido que o chá seria uma especie da tribu das *gardoniaceas*, da ordem das *ternstroemiaceas*.

Hooker vai mais longe. Entende o botanico inglez que o genero *théa* de Linnêo não se distingue claramente do genero *camellia* do proprio Linnêo, e a este ultimo ficam referidas, pelo director do muséo de *Kew*, as especies incluídas no primeiro genero.

Diremos sómente que, com grande difficuldade, se quebrará o uso enraizado de designar o chá por outro nome que não seja aquelle que lhe foi attribuido nos primeiros tempos por Linnêo.

A ligeira descripção de Leandro confirma a idéa de que o seu trabalho tem por objecto esta planta das *ternstroemiaceas*, embora não mencione o nome botanico. Diz elle : « *Calix. Perianth.* de 5 fios desiguaes e pequenos, sendo os exteriores menores, concavos, arredondados e inteiros, o qual persiste com o fructo ; *corolla* de 5 até 6 petalos mais communmente, e tambem com 7 e 8 menos vezes, concavos,

com o topo arredondado, os interiores maiores, mais delicados, com a margem encrespada, o branco, os exteriores são pela face externa esverdiados em parte.»

Passando ao androcêo menciona mais de 100 estames pegados á base da corolla, com anthéras afrechadas, despontadas, dehiscencia longitudinal. Na descripção do pistillo aponta: o ovario superior ao calis com 3 estyletes reflexos, 3 stigmas; o fructo é uma capsula de 3 lobos, nua, que se abre em duas vulvas longitudinalmente pelo dorso de cada lobo, contendo em cadá concumeração uma semente globosa pegada ao eixo da capsula.

Os caracteres tirados dos órgãos foliaceos, e os da inflorescencia, por elle indicados em uma linguagem glossologica não muito perfeita, mostram que o seu alvo é a especie do genero *Thea*, cujos caracteristicos se harmonisam com os da citada planta, a qual não poderá achar um lugar entre as euphorbiaceas actuaes segundo os limites que os botanicos modernissimos traçaram para esta familia.

Uma lacuna deixou Leandro n'esta parte phytographica: esqueceu-se de citar o nome scientifico do vegetal, complemento indispensavel á sua *Memoria*.

E' sabido que o botanico inglez *Sims* considerou o seu *Thea chinensis* como a especie da qual são variedades o *Thea viridis* e o *Thea Bohea* de Linnêo, cujas folhas seccas e preparadas são vendidas no commercio com o nome de chá. Os traços morphologicos das folhas que Leandro apresenta em tudo se assemelham aos das descripções mais exactas d'estas variedades.

O segundo capitulo tem por objecto a cultura do chá; condições para a *semeadura* das sementes; meios para fazêl-as prosperar em todas as estações do anno; escolha das sementes susceptiveis da germinação, excluindo aquellas

que o não poderem ser por falta de amendoa, ou pela ausencia mais ou menos completa do embrião, proveniente de uma má fecundação, ou da alimentação imperfeita. Estes principios são geraes, e applicam-se a outros generos de cultura d'esde que as plantações se fizerem por sementes. Leandro lembra um meio facil para distinguir as bóas das más sementes: sendo lançadas n'agua vão para o fundo as mais pesadas, e estas são as melhores; as outras fluctuam. Aparece em seguida um conselho economico, bem fundamentado pelas razões que elle allega. A sementeira será feita em viveiros, quando se tiver em vista a plantação em grandes massiços, para os quaes serão transplantados os individuos que cresceram nos viveiros; a razão principal reside na economia de tempo, de trabalho, e maiores vantagens pecuniarias para o trabalho realisado. Diz elle, porém, que será preferivel a plantação nos lugares em que terão de viver os individuos d'esta especie, sempre que elles forem destinados ás margens de *ribeiro*, ás *orlas dos canteiros*, e *arruamentos*.

Qual o terreno mais apropriado á cultura do chá?

Leandro responde em uma phrase: o *terreno argilloso*, e *nunca o arenoso*, convicção tirada das suas proprias observações (14).

E' tão minucioso nos seus conselhos á lavoura nacional, que incluiu n'este capitulo todos os pormenores para a conservação das sementes, preparação do terreno, regas, etc., e até o meio de augmentar a fertilidade do solo, enterrando-se as hervas que porventura ali existam, excluindo, com o maior cuidado, os vegetaes nocivos, taes como uma *cannacea* (*caeté*), uma *cyperacea* (*a tiririca*)

(14) Consta-nos que na China estimam o terreno de gneiss e de granito desaggregado contendo oxido de ferro.

e alguns *filices*, porque estas plantas nascem *ainda quando introduzidas á grandes profundidades*; o desfolhamento dos individuos em épocas determinadas, ou a perda das folhas velhas, é acompanhado de considerações judiciosas pelo illustre autor d'esta *Memoria*.

Leandro comprehendeu em seu justo valôr os beneficios que sua patria aguardava d'este fructo das suas vigílias, e mostrou-se na altura da missão que o governo brasileiro lhe confiára.

Não deixaremos este capitulo sem apontar um facto. Leandro suppôz, n'esta parte do seu trabalho, que só pelas sementes se multiplica o chá, negando que fossem efficazes outros meios usados na industria em relação a outros vegetaes.

Enganou-se o illustre botanico. Consta-nos que na China, no Brasil e em alguns paizes optimos resultados se têm obtido *enxertando-se o chá* sobre os pés de *camellia*, hoje recurso salutar de que lançam mão os agricultores d'estes lugares, onde as sementes d'esta especie não amadurecem.

Dando-se a coincidencia de viver este vegetal nos climas frios como nos climas quentes, em muitas regiões da zona temperada a cultivaram, usando-se do enxerto, e não das sementes, porque estas nem sempre prosperam.

Resumo da doutrina dos caps. 4º, 5º e 6º: primeira, segunda e terceira preparação do chá.

O primeiro processo consiste em lançar em uma caldeira do forno as folhas colhidas, sob a influencia de uma temperatura elevada; após esta operação são ellas arranjadas em dois montes sobre um esteirão; em seguida a alteração dos tecidos das folhas, ainda quentes, esmigalhando-as entre as mãos dos operarios; n'estas duas operações perdem estes órgãos o seu succo; e o resto que fica desaparece sendo

de novo lançadas na caldeira ; então actua o calor sobre o principio volatil, e sente-se logo o suave aroma do chá n'este primeiro gráo de torrefacção.

Este *chá em rama*, na phrase de Leandro, já é procurado para o commercio, onde o consideram como de qualidade inferior.

Para maior cunho d'exactidão o botânico brasileiro não escreveu nenhum d'estes dados praticos senão após largas conferencias com o chim que elle empregou como *mestre do chá* do Jardim Botânico, o qual adquirira os seus conhecimentos emquanto trabalhava na China na cultura d'esta famosa planta.

Escudado por estes elementos praticos, Fr. Leandro marchou com segurança para o alvo que queria attingir.

Em virtude da segunda preparação separam-se as folhas de diferentes qualidades, misturadas na primeira manipulação, fazendo-se passar o chá em rama por uma peneira, convenientemente agitada pelas mãos dos trabalhadores. N'esta operação atravessam o crivo os pequenos fragmentos das folhas, que ficaram bem enroladas ; o resto é submettido á primeira preparação. Assim se obtem folhas de diferentes valores. A acção do calor torna-se necessaria para melhoramento ainda maior das folhas de superior qualidade.

Finalmente : a ultima operação tem por fim a separação, pelo *quibando*, das folhas não enroladas, e dos fragmentos que se reduziram a pó ; e pelo calor moderado a torrefacção das folhas escolhidas.

Todas as phrases de Fr. Leandro são cheias de interesse e revelam um espirito de detalhe, a quem não escapou as principaes circumstancias d'esta industria, levando a sua solicitude á enumeração dos instrumentos adequados ás officinas do chá.

Não contente com os bons resultados que coroaram os seus esforços no Jardim Botânico, fez germinar muitas sementes do *Thea viridis* no passeio publico ; e em razão do excesso de *sillica* n'este terreno os individuos não vingaram. Este facto corroborou a idéa de ser indispensavel a argilla de preferencia ao calcareo e á arêa á prosperidade do utilissimo chá. Levando as suas observações aos arredores do Rio de Janeiro, descobriu estas grandes massas de barro, que elle, com sagacidade, attribuiu á decomposição das rochas crystallinas que ahí fizeram erupção. Na sua opinião esta argilla, com os alcalinos que contém, seria uma riqueza inesgotavel para a vida do precioso vegetal que nos preoccupa, e em tanto maior escala quanto é certo para si que o chá vive melhor no Rio de Janeiro, onde dá seis colheitas por anno, do que na China, seu paiz natal, onde não produz mais de quatro colheitas annuaes.

No nobre empenho de satisfazer a sua consciencia correspondia-se com alguns lavradores de S. Paulo, afim de certificar-se do progresso experimentado pela cultura da planta nos terrenos d'esta provincia. Uma das cartas do *Marechal Arouche* foi por elle publicada no opusculo que analysamos.

Apezar do merecimento que realçamos n'este trabalho, fizemos apparecer alguns defeitos, já discutidos. Agora apontaremos mais uma lacuna, que não existiria se Leandro tivesse escripto, como devia, uma memoria completa a respeito do chá. Embora elle não o quizesse fazer pelo facto de serem encontrados os dados, por elle omittidos, em obras estrangeiras, seria mais conveniente reunir estes elementos em um só documento, e transmittil-os aos lavradores, para os quaes nem sempre se tornam accessiveis os livros de sciencia.

A primeira d'estas omissões salta aos olhos de qualquer espirito analytico : O que fazem os chins para augmentarem o aroma do chá ? E' corrente a idéa de que, na China, usam das flôres do *Camellia sazangua*, e as do *Olea fragrans* (15) para este fim, comquanto este facto não esteja no mundo das certezas.

O chá preto e o chá verde serão provenientes da mesma variedade, ou resultará cada um d'elles de uma das variedades do *Thea chinensis* ?

A elucidação n'este ponto offereceria um novo interesse para a agricultura brasileira, no anno de 1825. Tanto um como outro provém das folhas da mesma variedade ; a differença não existe senão na preparação. A primeira contém menos acido tannico que a segunda. Em qualquer variedade de chá a analyse descobre, diz *Liebig* :

« Acido tannico, resina, cêra, principio volatil, albumina, chlorophylla, theina, materia corante extrahida pelo acido chlorydrico, etc, etc. »

O Dr. Méne diz, no seu relatorio, que os governos da Europa têm procurado acclimar o chá nas suas colonias, sendo certo que até hoje o commercio importa folhas seccas da China, das Indias e do Brasil, graças a el-rei D. João VI (palavras de Méne), que em 1814, atrahindo para o Rio de Janeiro uma pequena colonia de chins, acclimou-a a principio no Jardim Botânico, e depois na provincia de S. Paulo, onde tem crescido o commercio d'esta planta. *Guillemín* percorrendo a provincia de S. Paulo teve occasião de estudar o desenvolvimento d'este arbusto nos terrenos do Brasil, e de apreciar o relevante serviço que Leandro prestou á nossa pátria. De volta á Europa manifestou as suas impressões de viagem, descrevendo o modo lisongeiro

(15) Dizem outros que tambem com as flôres de *Magnolia Yulan* ; *Nyctanthes sambac*.

pelo qual tinham-se realizado as esperanças de Fr. Leandro do Sacramento. E se o consultássemos em relação ao serviço offertado pelo nosso compatriota diria *Guillemín* :— *O Brasil lhe seja grato.*

CAPITULO VI

AMIZADE DE ST. HILAIRE E LEANDRO DO SACRAMENTO

Perante a academia de França disse *Thiers*, a 13 de Dezembro de 1834, em relação á morte de Casimiro Perier, e de Cuvier :

« Entre estes dois tumulos, o do sabio e o do homem politico, ninguem poderá escolher, porque é o destino que, independente de nós, desde a nossa infancia nos impelle para um ou para outro ; porém, eu o digo sinceramente, feliz da vida que acha um termo no tumulo de Cuvier, e que se cobre, ao terminar, das palmas immortaes da sciencia ! »

Este mesmo destino tirou do nada um espirito ; guiou-o através d'este mundo com as idéas do justo, do honesto e do bem ; incutiu-lhe o amor da verdade ; com a verdade o elevou á contemplação das maravilhas que vêm de cima e sem ser genio como Cuvier soube tambem morrer com as palmas immortaes da sciencia !

Teremos dito de mais fallando de Leandro do Sacramento. ? Póde-se ser grande, como elle o foi, sem chegar á altura de um Cuvier, de um Linnéo, ou de um Payer !

.....

Terminemos a narração dos seus trabalhos.

Um dos factos que tornam evidentes os seus conhecimentos em chimica é o da analyse, por elle feita, das aguas mineraes d'Araxá, mencionada por Augusto de St.

Hilaire ; outro tanto havíamos affirmado fundamentando-nos nos exames de chimica da academia medico-cirurgica, nos quaes Leandro appareceu como um arguente de vigoroso pulso.

O illustre botanico francez assevera, na descripção das suas viagens pelo interior do Brasil, a existencia de uma memoria escripta por Fr. Leandro sobre a familia das *balanophoreas*, garantindo a sua proxima publicação.

Não sabemos ao certo se este trabalho foi publicado integralmente na Europa. Mas é incontestavel que os novos generos por elle propostos para as *balanophoreas* constam das obras classicas de botanica. Já fallámos no genero *latræophila*, synonymia de Helozis de Richard.

Consta porém, que o genero *Archimedeæ*, indicado por St. Hilaire, fôra creado por Leandro, para plantas d'este grupo, em memoria do grande sabio de Syracusa.

Infelizmente para o botanico brasileiro, um outro genero dotado dos mesmos caracteristicos havia sido proposto por Schott e Endlicher ; e estes decidiram, como legisladores supremos, que o seu *lophophitum* fosse aceito de preferencia ao *Archimedeæ* de Leandro. O trabalho que teve St. Hilaire de indicar o genero de Leandro no volume 7º dos *Annaes de sciencias naturaes* não produziu o effeito desejado, salvo se fôr revogada a decisão de Endlicher na revisão, por qualquer botanico, da familia das *balanophoreas*.

Esta solicitude de St. Hilaire para com o distincto brasileiro nasceu na cidade do Rio de Janeiro, onde o merecimento do nosso compatriota se mostrou sempre evidente aos olhos do naturalista francez. As suas relações de amizade estreitaram-se de tal modo, que St. Hilaire não deixava escapar occasião alguma, em que podesse conversar largamente com o seu amigo, permutando as suas impressões botânicas. St. Hilaire guardava saudosas reminiscen-

cias d'esta amizade, quando escreveu as seguintes phrases (16): « A sociedade que frequentei no Rio de Janeiro fazia-me esquecer da solidão em que vivi quando percorri a provincia de Minas. A casa do generoso João Rodrigues Pereira de Almeida me tinha sido franqueada por tal modo, que eu a considerava como minha. Fatigado dos meus trabalhos do dia, procurava o descanso na companhia dos francezes M. Maller encarregado de negocios de França, de Gestas consul geral, e do finado Escragnolles que governou a provincia do Maranhão por ordem do imperador do Brasil. Tive igualmente o prazer de occupar-me muitas vezes dos meus estudos favoritos com o meu amigo o padre Leandro do Sacramento professor de botanica, etc. »

N'estas repetidas entrevistas estudavam Leandro e St. Hilaire as plantas por elle colhidas ; trocavam os specimens, em duplicata, dos seus herbarios ; discorriam sobre as maravilhas da botanica, classificação de novas especies, e creação de novos generos. N'uma das conferencias, fallavam os dois sabios a respeito da extensão geographica de algumas especies da flora brasileira ; um opinava pela idéa de que diversos vegetaes do Brasil, representados no seu herbario, não viviam senão em certas condições de humidade e de calor ; outro apresentava factos em favor da idéa de que certas plantas brasileiras cresciam com vigor em climas differentes. Animados por esta discussão, escolheu St. Hilaire um exemplar, por elle colhido no Brasil, do *Sophora littoralis* de New et Schrad, e, apresentando-o a Leandro do Sacramento, disse : « Eis uma planta de vosso paiz, que não é vista senão no Rio de Janeiro, e d'ahi até a provincia de Santa Catharina. »

Leandro tomou a planta entre as mãos, e respondeu com vivacidade : « Esta especie, ou outra que muito se asse-

(16) Segunda viagem ao Brasil.

melha, vive no Rio Doce ; e eu mesmo encontrei-a na provincia de Pernambuco, onde colhi uma amostra para o meu herbario.

St. Hilaire fez um gesto de duvida. Leandro, comprehendendo a indecisão do seu amigo, percorreu rapidamente as suas plantas seccas da ordem das *Leguminosae*, provenientes de Pernambuco, e com uma expressão de alegria indefinivel disse ao sabio da Europa : « A amostra que possuo não está classificada ; mas é identica ao vosso *Sophora littoralis*. Colloquei-a no meu herbario com o nome vulgar de *Feijões da Praia*. »

Annos depois publicava St. Hilaire a descripção d'esta especie, notando que o sabio brasileiro a tinha descoberto na provincia de Pernambuco.

Os talentos de Leandro não foram, em sua vida, bem aquilatados por todos os sabios da Europa. Alguns pagaram com a ingratição os serviços que receberam do virtuoso carmelita.

Coube ainda a St. Hilaire o lavrar o protesto energico, do alto da tribuna universal, perante o mundo dos sabios. Phrases como as que escreven St. Hilaire n'este protesto eloquente são a melhor apologia do sabio carmelita (17):

« O padre Leandro do Sacramento, professor de botanica, director do Jardim das Plantas do Rio de Janeiro, cultivava com vantagem a sciencia que o encarregaram d'ensinar, e possuia conhecimentos de chimica e de zoologia. Deve-se a elle a analyse das aguas mineraes d'Araxá (in Eschw. Neue Welt., 1,74), observações botanicas impressas nas *Memorias da Academia de Munich*, e uma memoria sobre as Archimedeas ou Balanophoreas que, segundo espero, será publicada brevemente. Leandro era um ho-

(17) Viagens pelo interior do Brasil.

mem de costumes brandos, accessivel, cheio de candura e de amabilidade. Acolhia os estrangeiros com benevolencia; e, cumpre dizêl-o, nem sempre foram reconhecidos para com elle. Como justificação das queixas que os brasileiros têm dos habitantes da Europa, basta citar o modo pelo qual foi tratado o padre Leandro. Communicou as suas collecções aos nossos navegantes; enviou plantas seccas ao musêo de Paris; mandou seis caixas com plantas vivas ao governo francez com destino á colonia de Cayenna, e foi em vão que, por muito tempo, eu e o consul de França no Rio de Janeiro solicitámos uma simples carta de agradecimento a duas de nossas administrações.

« Os sabios que, amando as sciencias, deveriam animar por todos os meios possiveis aos americanos, dos quaes ha tanto a esperar, os sabios, digo, não foram perfeitamente justos para com o padre Leandro. Como se houvesse a idéa de fazer desaparecer até a memoria d'este homem recommendavel, destruiu-se um genero que elle formou em uma das suas memorias: para explicar esta suppressão, diz-se, é verdade, que o genero existia já em manuscripto, porém jámais deveriamos perder de vista esta regra sabiamente estabelecida por M. de Candolle na admiravel *Theoria Elementar*, a saber: que por prioridade não é necessario ter em linha de conta os trabalhos ineditos. »

Assim fallou St. Hilaire pagando o ultimo tributo de amizade sobre o tumulo de Leandro do Sacramento.

Dissipou-se o véo do esquecimento! Os apostolos da sciencia das plantas veneram hoje o seu nome illustre, e rendem encomios ao alto merecimento do naturalista americano.

Nós mesmos ouvimos muitas vezes, em Paris, o nome de Fr. Leandro lembrado e elogiado pelas maiores notabili-

dades botanicas. Cheios de enthusiasmo procuram estes apertar as mãos dos naturalistas brasileiros através do oceano.

Na idade de 50 annos, e a braços com uma phytica pulmonar, Leandro tinha uma ambição sómente: a de deixar o mundo, e entrar na vida eterna com a alma d'aquelles que se purificam recebendo em seu corpo a Sagrada Particula. Forte pelo amor a Deus, e edificante pela resignação evangelica, exhalou Leandro o ultimo alento de vida a 1 de Julho de 1829 n'este jardim botanico, onde por tantos annos exercitou a sua vasta intelligencia. As suas cinzas repousam no convento dos carmelitas, do Rio de Janeiro.

No leito da morte, quasi cadaver, os seus amigos mais chegados lhe recordariam os seus serviços á botanica, e o facto d'elles não terem sido assás citados do outro lado do oceano.

Leandro, contemplando os amigos e com as mãos descarnadas pela enfermidade, deveria apontar para a sua bibliotheca, e pedir a historia natural de Plinio. Com a expressão scintillante de intelligencia e de modestia indefinivel, tão peculiares á sua physionomia, teria respondido lendo o pensamento de Cicero, que Plinio applicou aos seus trabalhos quando dirigiu-se ao imperador Vespasiano:

« Não escrevo para ser lido pelo sabio Persius, mas sim por Laelius Decimus.

« *Hæc doctissimum Persium legere nolo, Laelium Decimum volo.* »